

Quem está em perigo?

Essa é a pergunta feita entre ambientalistas, ecologistas e mesmo aqueles que se opõem a um sentido de conservação ecológica quando se fala de contaminação, desaparecimento de espécies, entre outros. Alguns dizem que está em perigo a terra. Outros, que estão em perigo os pobres animaizinhos, as plantas, etc, segundo o interesse específico de ambientalistas e ecologistas. Mas, antes de tentar dar respostas, devemos ter a consciência de que estamos aqui, os seres humanos, para estar a serviço da humanidade, nossa espécie.

Alguns dirão: “como fazê-lo se a humanidade é destrutiva e se opõe ao que nós cremos?” Primeiro, o trabalho que desempenha um ambientalista, ecologista, entre outros profissionais que contemplam a preservação do ambiente natural, é o da perpetuação da espécie humana. E esta é uma espécie demasiadamente competitiva, que superestima sua capacidade de adaptação. Muitos homens dizem que tudo está em perigo, menos o ser humano, o grande destrutor. Mas não explicam que a terra é também um grande ser vivo, que sofre mudanças e continua aí. Não explicam que os animais podem evoluir, que as mesmas plantas vão se tornando mais autoprotetoras e que, ao final, o ser humano ficará deslocado e sofrerá as consequências, tais como o aquecimento global, desabastecimento de alimentos, novas doenças como febres tropicais, entre outros, se não muda sua maneira de pensar e de agir.

A resposta que se coloca é a da sustentabilidade ecológica, que surge como um critério que deve normatizar a reconstrução da ordem econômica, como uma condição para a sobrevivência humana e um suporte para conseguir um desenvolvimento durável, que questiona as bases do sistema de produção. Assim se abre esta janela para falar sobre modos de sustentabilidade.

Miguel Alexis Llanto López – Aguaytia, Peru.

Médico Veterinário e Mestrando em Gestão Ambiental pela Universidad Nacional Agraria de la Selva, de Tingo Maria, na Amazônia Peruana.

Tradução: Silvana Isabel Francisco – Brasília (DF)

Sustentabilidade Ecológica – Minhocultura: por que não?

A criação de minhocas ou Minhocultura pode parecer um pouco repulsiva para alguns, mas, ainda que não acreditem neste amigo, é um dos animais mais nutritivos e, além disso, um dos possíveis salvadores da agricultura.

Bom, para começar, a criação é de dois tipos de minhoca: a nativa e a californiana, tendo esta última altos índices de ferro. A minhoca é hermafrodita (tem os dois sexos) e se autofecunda, dando de 2 a 21 crias. Consome todo tipo de dejetos agropecuários (estercos, resíduos agrícolas, etc) e orgânicos da indústria.

A minhocultura pode produzir enormes quantidades de húmus e de carne por hectare. Nenhuma outra atividade zootécnica consegue um rendimento assim. Pode-se ainda, a partir das minhocas, obter outros produtos base para a indústria farmacêutica. A partir do líquido celomático, são produzidos antibióticos para uso humano. Mas isso tudo quando se têm parâmetros de criação, os quais são: uma umidade de 70%, uma temperatura de 12 a 15 graus para a sobrevivência das minhocas e também de seus ovos e um PH de 7. Além disso, é necessário revolver constantemente seu leito, não permitindo a penetração de muita luz. O alimento das minhocas é um composto o qual é matéria orgânica parcial ou totalmente decomposta.

Como vêem, é simples essa cultura. O proveito que temos é o uso do ambiente para transformar os dejetos em algo produtivo, sem necessidade de contaminá-lo.

Miguel Alexis Llanto López – Aguaytia, Peru.

Médico Veterinário e Mestrando em Gestão Ambiental pela Universidad Nacional Agraria de la Selva, de Tingo Maria, na Amazônia Peruana.

Tradução: Silvana Isabel Francisco – Brasília (DF)